SENADO
FEDERAL

Homenagem ao Senador Bernardo Cabral

Sala de Reuniões da
Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania

BRASÍLIA - 1999

SENADO
FEDERAL

Homenagem ao Senador Bernardo Cabral

Sala de Reuniões da
Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania

BRASÍLIA – 1999

Índice

Apresentação

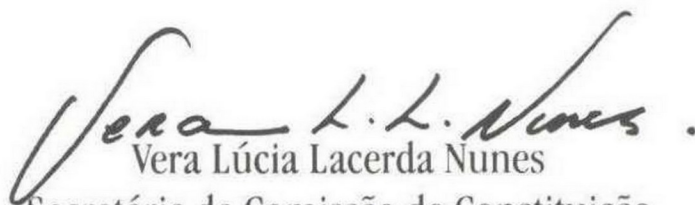
Na reunião da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania realizada no dia 15 de dezembro passado, a última daquela Legislatura, o Senador Bernardo Cabral foi alvo das mais efusivas demonstrações de apreço pessoal e de reconhecimento pelo trabalho desenvolvido à frente do colegiado.

De tal ordem emocionantes e sinceras foram as manifestações dos senhores senadores, que o corpo administrativo da CCJ, por mim representado, não poderia se furtar à vontade nem tolher o ímpeto – fugindo ao rito próprio que rege o que há de mais solene nas ações desta Casa – de irmanar-se às palavras então proferidas, na afirmação de seu sentimento acerca da gestão Bernardo Cabral.

E de que forma poderia fazê-lo, sem reduzir a grandeza do momento?

Em primeiro lugar, passando às mãos de S. Exª um excerto do registro taquigráfico da reunião de encerramento dos trabalhos, o que haverá, certamente, de servir-lhe de estímulo nas horas de incerteza, tal a densidade e a carga emotiva expressa nas homenagens que lhe prestaram os membros da Comissão.

Em segundo lugar, fazendo chegar a seu conhecimento que também a administração da CCJ se sentiu amparada em sua presença firme, decidida e, mais que tudo, amiga, sempre condescendente em relação às involuntárias imperfeições.

De minha parte, sempre encontrei no Senador Bernardo Cabral mais que o inabalável defensor do Estado de direito quando geriu de forma marcante o Conselho Federal da OAB, sob a égide do arbítrio e do autoritarismo por que passava a Nação; mais que o democrático relator do novo texto constitucional, capaz de acatar sugestões enriquecedoras, mas também de fazer respeitar-se por seus pareceres desfavoráveis às que contrariassem o interesse coletivo; mais que o Ministro da Justiça que incorporou à práxis do Executivo as experiências salutares colhidas na lide forense, no magistério e no exercício da presidência nacional da OAB; mais que o deputado ou o senador devotados ao Amazonas, à Amazônia e ao Brasil. Além e mais que tudo isso, encontrei um ser humano portador de uma nobreza de sentimentos ímpar e um ser intelectual respeitado por suas convicções e pelo conhecimento profundo das matérias

pertinentes à ciência do Direito, que tão bem soube levar à suprema condução dos destinos da CCJ, com sabedoria e imparcialidade, segurança e serenidade, cautela e simplicidade, ingredientes fundamentais a quem se debruça no desempenho de tarefa de tal magnitude.

Tudo isso encontra-se registrado nas notas taquigráficas da memorável reunião, a partir da participação dos integrantes da CCJ, representada por todos os partidos políticos, por meio dos depoimentos dos Senadores Ramez Tebet, Pedro Simon, Romero Jucá, Jefferson Péres, Francelino Pereira, Lúcio Alcântara, Arlindo Porto, Josaphat Marinho, José Eduardo Dutra, Djalma Bessa, Sérgio Machado, Elcio Alvares e Romeu Tuma, que expressaram seu profundo reconhecimento pela relevância do momento histórico que marcou a gestão Bernardo Cabral.

Cumpre-me por fim ressaltar com alegria que, nesses dois anos em que trabalhei com S. Ex[a], tive a oportunidade de conhecer uma pessoa a quem também passei a admirar, ligando-me a ela por laços de afeição e amizade. Refiro-me à dona Zuleide Cabral, responsável, estou convicta, por grande parte do brilhantismo do Senador Bernardo Cabral, a quem rendo minhas homenagens como pessoa humana, esposa dedicada e incansável partícipe das atividades do marido, confirmando a máxima que "ao lado de um grande homem, existe uma grande mulher".

Faço votos que os passos do Senador Bernardo Cabral permaneçam na direção do engrandecimento do Senado Federal, do Poder Legislativo e da harmonização

da atividade parlamentar com o que haja de mais genuíno como representação do interesse coletivo.

Vera Lúcia Lacerda Nunes
Secretária da Comissão de Constituição
Justiça e Cidadania
(Em 4-1-99)

Pronunciamento dos Senadores

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Está aberta a 33ª Reunião Extraordinária da 4ª Sessão Legislativa Ordinária da 50ª Legislatura, cuja pauta foi devidamente distribuída aos eminentes senhores senadores.

Sr. Ramez Tebet – Sr. Presidente, pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Concedo a palavra ao nobre Senador Ramez Tebet.

O SR. RAMEZ TEBET – Sr. Presidente, na penúltima matéria que votamos, falou-se muito em cumprimento da lei. Peço a palavra para, talvez, violar a lei, pelo menos as normas do trabalho.

Tendo de ausentar-me e, sabendo que hoje é o último dia dos nossos trabalhos, não posso me furtar

e nem deixar passar a oportunidade sem antes manifestar a minha alegria e o meu contentamento pelos trabalhos realizados pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania. Realmente, estamos no fim de uma legislatura.

A Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, presidida a princípio pelo eminente Senador Iris Rezende e, agora, por V. Exª, sem dúvida alguma tem cumprido, com dedicação e abnegação, a sua grande tarefa de zelar pela Constituição e pela boa aplicação das leis.

Fico feliz, Senador Bernardo Cabral, ao ver que no período em que V. Exª esteve, como ainda se encontra, à frente da presidência da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, esta tenha feito tanto, não só por esta Casa, mas pelo Brasil, porque foram muitas as matérias discutidas e votadas à exaustão, com a competência e o brilho daqueles que integram esta Comissão. Ao falar em competência e brilho, peço licença para me excluir, mas não posso deixar de mencionar a extrema dedicação que percebo nos membros que compõem a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania. V. Exª tem-nos chamado, tem feito apelo, tem-nos convocado quando estamos no gabinete, e esta Comissão tem trabalhado com afinco, cumprindo o seu dever.

Estamos no fim do ano e esta é a última reunião. Ouvi o Senador Esperidião Amin falar que é o último voto que dou nesta Casa. S. Exª votou "sim"; "sim", portanto, àqueles que trabalham; "sim", portanto, àque-

les que acreditam no Brasil; "sim", portanto, Sr. Presidente, àqueles que zelam pelo Direito, que acreditam que uma sociedade verdadeiramente democrática tem de se balizar em normas jurídicas que reflitam essa concepção filosófica de vida.

Nesse sentido, quero aproveitar a oportunidade para saudar efusivamente dois eminentes membros desta Comissão: refiro-me, especificamente, a este dileto e querido amigo, Esperidião Amin, e a José Bianco, outro grande amigo, ambos guindados a novas funções. S. Exªs muito dignificaram e honraram a nossa Comissão e agora vão dirigir os destinos dos seus respectivos estados. Saúdo-os efusivamente e tenho certeza de que, nessa nova tarefa, haverão de dar continuidade ao trabalho que sempre desempenharam nesta Casa, em favor do nosso querido Brasil.

Sei que o povo de Santa Catarina, Senador Esperidião Amin, fez-lhe justiça, dando-lhe a oportunidade de, outra vez, dirigir os destinos do seu estado. De oportunidade semelhante também desfrutará José Bianco, a fim de que possa contribuir – lá em Rondônia, tão distante dos grandes centros – para minorar as desigualdades sociais existentes no nosso País.

Senador Bernardo Cabral, V. Exª tem uma vida inteira dedicada ao Direito, à carreira jurídica. V. Exª foi advogado, experimentou dificuldades, soube atravessar e vencer os obstáculos que essa carreira interpõe no caminho dos que nela enveredam, buscando distribuir a melhor justiça, tanto que chegou ao posto máximo dessa

carreira quando foi presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil. V. Exª tem uma carreira jurídica e política das mais brilhantes, que dispensa a apresentação de um simples senador do Estado do Mato Grosso do Sul, mas faço isso com justiça, para dizer que V. Exª dirigiu os nossos trabalhos com competência e com coleguismo, por que não dizer, sabendo distinguir os seus colegas, garantindo a palavra de todos aqueles que quisessem se manifestar, muito embora, às vezes, contrariamente, já com impedimentos regimentais, mas V. Exª soube tão bem conduzir.

Acho que os nossos trabalhos foram profícuos, Sr. Presidente e Srs. Senadores. Se tivesse a estatística comigo, sem dúvida nenhuma, eu poderia dizer que nunca se produziu tanto na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania. Não conheço os Anais da nossa Comissão na sua inteireza, conheço alguma coisa de leitura de votos de eminentes homens públicos, em cuja galeria ali estão, que com votos brilhantes fizeram a história do Senado da República e engrandeceram o nosso País. Mas, com toda a certeza, V. Exª haverá de figurar ali naquela galeria, não decorativamente, vai figurar porque merece, porque é realmente de justiça que V. Exª figure.

Portanto, neste fim de ano, o meu abraço e os meus agradecimentos a V. Exª por ter sido o seu vice aqui, por ter recebido prestígio da sua ação, e aos colegas da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania também, quero deixar o meu abraço de Natal, o meu abraço de fim de ano a todos, na certeza de que já em janeiro estaremos renovados por um breve descanso e de que o

prenúncio pessimista de 1999 não se concretize, para que haja mais igualdade e mais justiça social no nosso País. Um grande abraço a todos.

Muito obrigado. Peço licença para me retirar, porque tenho uma reunião da Comissão de Orçamento.

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Srs. Senadores, antes de colocar em votação Projetos Garimpeiros, do eminente Senador Josaphat Marinho, como relator, devo declarar que ao fim eu pretendia fazer uma prestação de contas aos eminentes colegas do que nós realizamos, todos, aqui. Número de reuniões realizadas, audiências públicas, matérias recebidas e distribuídas, matérias apreciadas. Como o eminente Senador Ramez Tebet, na qualidade de vice-presidente e relator da Comissão de Orçamento, tinha de ausentar-se, fez esse registro, mas ele não impede que voltemos aos nossos trabalhos.

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Tem a palavra o Senador Pedro Simon, pela ordem.

O SR. PEDRO SIMON – Sr. Presidente, não sabia que teria reunião ordinária hoje. A secretária do meu gabinete me comunicou que, por proposta muito justa do Senador Romero Jucá, esta reunião seria em homenagem a V. Exª Como hoje é o último dia de trabalho, há uma infinidade de pessoas que tenho de atender. Mas não posso sair – se o Senador Jefferson Péres me permitir, serei rápido, embora essa não seja minha especialidade – sem dizer que não há dúvida nenhuma de que é mais do que justa a proposta do Senador Romero Jucá.

Sr. Presidente, será muito difícil encontrar, ao longo do tempo, alguém que tenha presidido ou que

vá presidir esta Comissão com a competência, com a capacidade, com a dignidade, com a simpatia e com a grandeza de V. Exª Claro que o mérito é de todos nós – alguns mais, alguns menos como eu –, mas só a competência de V. Exª em conduzir, orientar, levar a bom termo, agüentar discussões intermináveis, é que fez com que V. Exª apresente um recorde em trabalho, em ação, em dedicação. A gestão de V. Exª foi excepcional sob todos os ângulos, sob todas as análises que possamos fazer.

Sou um profundo admirador de V. Exª, pela sua luta, pelo que V. Exª representou, pela cassação de V. Exª, por sua atuação na presidência da OAB em um dos momentos mais difíceis que atravessou, pela relatoria da Constituinte, no Ministério da Justiça, onde se portou com a dignidade de sempre. Tenho um apreço e um carinho muito especial por V. Exª.

V. Exª é uma das lideranças que temos, hoje, no Brasil, e que estão se esvaziando no decorrer do tempo, mas de temos de prezá-las o máximo possível. Então, deixo o meu carinho, o meu abraço, a minha admiração e a minha simpatia muito grande e muito profunda a V. Exª.

E se V. Exª me permitisse, ainda que rapidamente, eu proporia que esta Casa fizesse chegar ao nosso querido Governador Mário Covas a nossa alegria pelo êxito da sua cirurgia. Em meio a todas as interrogações, pela oração de todo o Brasil, as informações que temos hoje é que a cirurgia foi um êxito, que o Governador está muito bem e, se Deus quiser, muito mais breve do que se imagina, ele estará restabelecido.

Já que esta Casa tomou a decisão de que o presidente da Casa pode ser reconduzido na próxima Legislatura, a não ser que seja para um cargo superior, creio que V. Exª deve permanecer à frente desta Comissão.

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Senador Pedro Simon, eu apenas pediria a V. Exª, em homenagem aos nossos companheiros garimpeiros, que aguardasse a votação dessa matéria, até porque eu gostaria de fazer um agradecimento também pessoal a V. Exª

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Concedo a palavra ao Senador Romero Jucá.

O SR. ROMERO JUCÁ – Sr. Presidente, na reunião passada, fui o autor do pedido da convocação desta reunião extraordinária. Naquela oportunidade, registrava que era importante que esta Comissão fizesse uma última reunião no intuito de homenagear V. Exª

A homenagem está sendo feita juntamente com a votação de matérias, pois aprovamos assuntos importantes para o País, inclusive essa questão de São Paulo.

Sr. Presidente, em meu nome e em nome do PFL, partido do qual sou vice-líder – hoje estou na liderança –, quero registrar que V. Exª, nesses dois anos na presidência da Comissão de Consti-

tuição, Justiça e Cidadania, engrandeceu o Senado, engrandeceu esta Comissão e, particularmente, engrandeceu o nosso partido.

O Partido da Frente Liberal está honrado pela gestão de V. Exª Quero, em nome de todos os membros do PFL, registrar o nosso agradecimento ao trabalho profícuo, sério, competente realizado por V. Exª Sem dúvida alguma, esses dois anos estarão inseridos no destino da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania como um trabalho sério, decente e, principalmente, construtivo para o País.

Sr. Presidente, ao parabenizar V. Exª, tenho a certeza de que todos os membros da Comissão têm a mesma palavra de carinho, de amizade para enaltecer os trabalhos de V. Exª Meus parabéns pela sua gestão. Continue, ao longo do tempo, exercendo a vida pública como V. Exª a tem exercido. V. Exª tem sido para todos nós um norte, um direcionamento de como se deve viver, de como se deve lutar pela democracia e pela justiça no Brasil.

Meus parabéns.

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Obrigado, Senador Romero Jucá.

O Senador Jefferson Péres tem a palavra.

O SR. JEFFERSON PÉRES – Sr. Presidente, mais do que qualquer outra pessoa, sou suspeito para falar de V. Exª, uma vez que somos conterrâneos, contemporâneos e amigos. Nascemos na mesma cidade, no mesmo ano, no mesmo mês, quase no mesmo dia. Por isso, eu e V. Exª temos José no prenome.

Por esses vínculos antigos, tudo o que dissesse de elogio a V. Exª estaria prejudicado.

Mas não posso deixar de assinalar, Sr. Presidente, que, nesses dois anos, durante os quais V. Exª presidiu a esta Comissão, não apenas os seus conheci-

mentos jurídicos, não apenas a correção com que conduziu os trabalhos desta Comissão, mas, sobretudo, Sr. Presidente, V. Exª mereceu o nosso apreço – meu e, tenho certeza, de todos os membros desta Comissão – por um traço característico da sua personalidade: V. Exª é um mestre na difícil arte das relações humanas. É o *savoir faire*, *savoir dire*, pois V. Exª sempre tem a palavra exata, inclusive para desarmar espíritos; V. Exª tem essa competência em fazer amigos.

Por isso, e por muito mais, furto-me de dizer para não constranger V. Exª de corpo presente. Sinto-me muito feliz – embora triste de saber que V. Exª não mais presidirá a esta Comissão por mais dois anos – de poder registrar a elevação com que V. Exª presidiu a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania e a satisfação também de, daqui a dois anos, ver a sua fotografia aposta nessa galeria, ao lado de dois eminentes representantes de nosso estado, Senadores Valdemar Pedrosa e Cunha Melo, que, como V. Exª, muito honraram este órgão do Senado da República.

Meus parabéns, Senador Bernardo Cabral.

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Senador Lúcio Alcântara e, a seguir, Senador Francelino Pereira, Senador Lúcio Alcântara e Senador Arlindo Porto.

O Sr. Jefferson Péres – Sr. Presidente, apenas para concluir.

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Perdão.

O SR. JEFFERSON PÉRES – Registrar a saudade que nos deixa o Senador Josaphat Marinho. Eu, a respeito desse desfalque imenso que o Senado vai sofrer, já fiz um registro público no Amazonas, em um artigo assinado, do qual dei conhecimento ao nosso eminente colega.

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Senador Francelino Pereira, Senador Lúcio Alcântara, Senadores Arlindo Porto, Josaphat Marinho, José Eduardo e João Abreu.

Senador Francelino Pereira, tem V. Exª a palavra.

O SR. FRANCELINO PEREIRA – Meu caro Presidente, quero zelar tanto quanto possível pela brevidade, até para poder ser mais sincero ainda. Não vai nesta minha observação ou nesta fala nenhum sentimento de amizade, de cordialidade, que marca a nossa convivência há muitos anos, desde os meus tempos de deputado federal por Minas Gerais, desde quando vereador em Belo Horizonte, desde quando governador de Minas Gerais e, até agora, nesta convivência aprazível no Congresso Nacional.

Quero apenas manifestar a V. Exª que o seu perfil é de um homem de caráter.

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Obrigado.

O SR. FRANCELINO PEREIRA – E caráter é uma palavra rara, que poucas pessoas merecem, e V. Exª o merece. Além do caráter, V. Exª é um homem não apenas inteligente, mas lúcido. Inteligente pelo brilho e lúcido pelo raciocínio e pela leveza com que V. Exª diz as coisas mais profundas e mais ásperas sem perder a graça e, ao mesmo tempo, o seu talento.

Quero manifestar a V. Exª, meu caro Presidente, o meu contentamento de trabalharmos juntos durante mais esses anos no Senado da República. Contentamento que se amplia ainda pelo fato de continuarmos juntos nesta Casa na expectativa de servirmos ao Brasil, nessa hora difícil que os brasileiros estão vivendo no plano econômico, social e político. Queira receber do seu colega (bacharel, advogado e seu admirador) uma palavra de respeito e de admiração, que V. Exª seja feliz agora e sempre, sempre, em toda a sua vida.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Não estou dando a resposta porque darei ao fim. Peço paciência aos meus eminentes colegas. Senador Lúcio Alcântara, tem V. Ex^{a} a palavra.

O SR. LÚCIO ALCÂNTARA – Sr. Presidente, Srs. Senadores, tantos senadores já se manifestaram aqui, enaltecendo as qualidades que caracterizam a personalidade de V. Ex^{a}, que seria ocioso repetir aqui tantos atributos que o distinguem como cidadão e na vida pública, na atividade parlamentar, especificamente, aqui, como presidente desta Comissão.

Imagino que há uma unanimidade na Comissão, no julgamento, na apreciação da atividade parlamentar de V. Ex^{a}, especificamente na presidência desta Comissão, pela maneira como se conduz. Tem os seus

pontos de vista, tem as suas preferências quando se trata de decidir, de julgar, mas o faz, até mesmo quando discorda com contundência, de maneira elegante. V. Exª é, realmente, uma pessoa talhada para o exercício da atividade parlamentar. Nós todos devemos, ao fim desta legislatura, reconhecer isso como uma verdade que deve ser proclamada. Conheci V. Exª ainda antes, como presidente da Ordem dos Advogados do Brasil. Tivemos a oportunidade de manter alguns contatos; portanto, daí deriva a nossa amizade, mais tarde fortalecida na Assembléia Nacional Constituinte, quando V. Exª foi o relator da nova Constituição. E ali também, numa situação extremamente delicada e difícil, porque a mobilização do País foi enorme – grupos sociais, categorias profissionais, partidos políticos, sindicatos, enfim, todos se mobilizaram para participar da elaboração da nova Constituição. V. Exª, com serenidade e independência, saiu-se muito bem na honrosa missão que lhe foi confiada.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Estão inscritos os nobres Senadores Arlindo Porto, Josaphat Marinho, José Eduardo Dutra, Djalma Bessa, Sérgio Machado e Elcio Alvares.

Com a palavra o nobre Senador Arlindo Porto.

O SR. ARLINDO PORTO – Sr. Presidente, gostaria também de trazer a nossa mensagem de reconhecimento ao nosso presidente, o nobre Senador Bernardo Cabral. Os senhores senadores que me antecederam fizeram rasgados elogios, todos imbuídos da sinceridade do pensamento de cada um.

Quero também, aqui, Senador Bernardo Cabral, registrar a sua lhaneza de trato, a sua determinação para que as coisas se realizem. E, por isso, segu-

ramente no relatório que V. Exª apresentará ao fim, estará consubstanciando a quantidade do que foi produzido nesta Comissão. Antecipando-me, quero registrar não apenas a quantidade, mas a qualidade do que aqui se realizou ao longo desses anos.

Democrata que é, participante que é na sua vida pública de momentos difíceis da história política nacional, V. Exª soube, com equilíbrio, com ponderação, mas com determinação, dar a oportunidade a todos nós de expressarmos os nossos pensamentos, principalmente buscando preservar a justiça, a liberdade e a democracia.

Os meus cumprimentos. Desejo que tenhamos, nos próximos anos, a oportunidade de juntos convivermos e, mais do que a convivência, saber que a nossa responsabilidade é grande neste momento que o País atravessa, com a necessidade de ter homens que continuem sendo expressão nacional como V. Exª, que, ao longo da vida pública, só conseguiu colher vitórias – e esta é, sem dúvida, mais uma grande vitória. Como uma pessoa ligada ao setor rural, diria que hoje V. Exª conclui uma grande safra, e essa safra é fruto de uma semente que outrora plantou, soube cultivá-la e, por isso, recebe o merecido fruto; um fruto, sem dúvida, bastante expressivo, que redunda não apenas em exemplo, mas em feitos para o povo brasileiro.

Os meus cumprimentos pelo período que esteve à frente desta Comissão. E, quiçá, nos próximos anos, possamos tê-lo novamente presidindo todos nós.

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Senador Josaphat Marinho, nosso mestre.

O SR. JOSAPHAT MARINHO – Sr. Presidente, a manifestação do PFL foi traduzida corretamente a respeito de V. Exª pelo Senador Romero Jucá. Não há o que acrescentar desse ângulo. Quero apenas assinalar que nos encontramos em Legislatura anterior, da qual V. Exª foi banido pela violência do poder militar. Como há um poder acima do poder militar, V. Exª voltou pela soberania do voto popular.

No interregno, encontramo-nos na Ordem dos Advogados, também em fase igualmente difícil. E, afinal, quando retorno ao Senado, vinte anos decorridos, de novo nos encontramos, já agora em situação bastante diferente.

No momento em que se aproxima a hora em que devo deixar o Senado, V. Exª aqui continuará. Continuará, decerto, a prestar os bons serviços à República e ao povo, como agora mesmo demonstra a Comissão pela unanimidade dos seus componentes.

Não me estou despedindo, porque há uma convocação extraordinária para o mês de janeiro e, durante ela, ainda funcionarei, mas quero estar solidário com os companheiros nas manifestações de apreço a V. Exª Como ainda não estou me despedindo, reservo-me também não me alongar quanto à desmedida generosidade das palavras que foram aqui proferidas a meu respeito, desde as que enunciou com a sua exuberância Pedro Simon, seguido pelos nobres colegas.

De qualquer modo, eu lhes quero deixar aqui o testemunho do meu apreço, a certeza da continuidade das nossas relações. Deixando o Senado, não deixarei a vida pública. Teremos, portanto, oportunidade de novos encontros e, por certo, com muita coincidência, em vários aspectos.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Senador José Eduardo Dutra.

O SR. JOSÉ EDUARDO DUTRA – Sr. Presidente, Srs. Senadores, ainda vamos conviver com o Senador Josaphat Marinho, na condição de membro da Comissão, e com o Senador Bernardo Cabral, como seu presidente durante o mês de janeiro. Como não sei se ao fim da reunião extraordinária estarei presente, gostaria de fazer dois breves registros.

Em primeiro lugar, registro a minha satisfação e honra em conviver com esses dois senadores. Aprendi muito durante esses dois anos, mesmo na condição de um "estranho no ninho" nesta Comissão, no que diz respeito à falta de formação jurídica, portanto, tendo de "tocar de ouvido" para analisar a maior parte

das matérias, quero registrar que a convivência com esses dois grandes juristas e senadores, sem dúvida alguma, contribuiu muito para a minha formação.

Em relação ao Senador Bernardo Cabral, o fato mais marcante da sua personalidade já foi registrado, particularmente pelos Senadores Jefferson Péres e Lúcio Alcântara. Mesmo nas poucas vezes em que decisões de V. Exª tenham me desagradado ao longo desses dois anos, V. Exª o fez com tal elegância e ternura que era impossível não acatarmos a sua decisão. V. Exª é um daqueles que vai até ao extremo, do ponto de vista da sua conduta política, aplicando a frase famosa do nosso Che Guevara.

Com relação ao Senador Josaphat Marinho, tudo, ou quase tudo, já foi dito.

Lamento não ter tido a oportunidade de encontrar-me com S. Exª em visita recente de S. Exª a Aracaju, onde proferiu palestra. Gostaria de agradecer, de público, as referências elogiosas e até exageradas, a meu ver, que S. Exª fez a mim em entrevista a um jornal de Sergipe.

Faço minhas as palavras que já foram proferidas pelos senadores que me antecederam. Também gostaria de reafirmar a honra por essa convivência nesses dois anos.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Tem a palavra o Senador Djalma Bessa.

A seguir, concederei a palavra ao Senador Sérgio Machado e, por último, ao Senador Elcio Alvares.

Concedo a palavra ao Senador Djalma Bessa, velho colega de deputado federal, há 30 anos.

O SR. DJALMA BESSA – Sr. Presidente, Srs. Senadores, o Líder Romero Jucá falou pela bancada do PFL, então, não tinha por que me manifestar mais.

Entretanto, não resisto à tentação de uma palavra a V. Exª, utilizando o que o Regimento poderia qualificar como uma declaração de voto.

Devo dizer que falo com autoridade de quem o conhece há muitos anos. V. Exª é sempre esse

homem calmo, moderado, simpático, competente. É, resumindo, o homem certo para o lugar certo nesta Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania.

Na verdade, como o próprio nome ostenta, é uma Comissão da maior relevância, porque objetiva defender a Constituição. E vai mais longe. Quer que a defesa se processe atentando-se para a justiça do pleito. Por último, cuida da cidadania e assegura direitos ao cidadão. Portanto, não há dúvida nenhuma de que V. Exª é o homem correto para esta Comissão da maior relevância. Há de se dizer "não, é o homem certo para a Comissão de Justiça". Aí vou mais longe. V. Exª foi o homem certo para o Ministério de Justiça; V. Exª foi o homem certo para relatar a Constituição de 1988; V. Exª foi o homem certo para presidir a Ordem dos Advogados do Brasil.

Vale observar que V. Exª é um líder diferente dos outros. Temos aqui para cada bancada um líder: PFL, PTB, PSDB, PT e tantos outros, mas V. Exª é o líder de todas as bancadas, dialoga, e muito bem, com todos os senadores. Não há dúvida, o poder de persuasão de V. Exª é muito grande, tanto que se discute nesta comissão proposições polêmicas, mas dentro do nível da maior cordialidade. Isso, não há dúvida alguma, credite-se a V. Exª, pelo modo como coordena, como dirige, como lidera a Comissão.

De maneira que a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania está de parabéns por tê-lo na presidência.

V. Exª, portanto, está tendo manifestações de todos os senadores e que revelam o modo como V. Exª se conduziu na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, o que para mim não é novidade, porque o conheço e assim V. Exª se comportou, assim V. Exª atuou nos demais cargos que teve oportunidade de ocupar.

Que posso dizer a V. Exª se não que continue esse seu trabalho, que é um trabalho menos para V. Exª, mais pelo País, mais pela Nação.

V. Exª receba meus parabéns e os votos. Continue assim, simpático, amigo, cordial, competente.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Obrigado.

Com a palavra o nobre Senador Sérgio Machado, Líder do PSDB.

O SR. SÉRGIO MACHADO – Sr. Presidente, Sr[as] e Srs. Senadores, para mim é uma satisfação muito grande estar aqui, nesta manhã, ouvindo todas as manifestações dos nossos companheiros em relação ao nosso presidente.

Conheci o Senador Bernardo Cabral por intermédio do meu pai, no período da Constituinte, onde comecei ouvir falar de Bernardo Cabral, naquelas lutas, naquelas disputas, sempre do lado da liberdade, sempre do lado da boa causa, sempre lutando para que este País pudesse se modernizar e avançar. Nunca ima-

ginei que um dia pudesse ser companheiro do Senador Bernardo Cabral, como hoje somos no Senado, com muita satisfação. Vendo sempre aquela sua luta que vem de antes, V. Exª teve coragem de lutar contra o arbítrio. Pagou um preço. Mas pagou um preço que sua consciência exigia. Passou. Todas essas arbitrariedades passam. E V. Exª está hoje presidindo nossa Comissão.

Essa luta, essa coragem cívica que sempre marcou a sua atuação, é que faz com que o País possa crescer, avançar, nesse embate que vamos ter de travar.

Vivemos um momento muito especial em nosso País, vivemos um momento de definição, vivemos um momento onde se exige dos seus homens públicos coragem cívica. Hoje é um momento que não temos de fazer o que é conveniente e sim o que é certo. E só fazem essa opção as pessoas que têm coragem. E V. Exª, sempre, ao longo da sua vida pública, demonstrou isso, apesar de ser uma pessoa extremamente afável, apesar de ser uma pessoa extremamente cordata, apesar de ser uma pessoa conciliadora, mas na hora certa nunca fugiu à questão da decisão. Isso é que é marca, isso é que faz a diferença, e é por isso que V. Exª foi capaz de construir tantos amigos e que, hoje, com muita satisfação, vemos a Comissão toda expressando o trabalho que V. Exª fez.

Em nome da Liderança do PSDB, eu gostaria de, neste momento em que estamos fazendo a nossa última reunião, homenagear os Senadores Josaphat Marinho e Bernardo Cabral. Este último continuará conosco por mais quatro anos, e o Senador Josaphat Ma-

rinho deixará o Senado, mas não deixará a política. A nossa luta pelo sonho de implantar no nosso País a justiça social, que – tenho certeza – é o sonho de todos nós, deve continuar!

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Concedo a palavra ao Senador Elcio Alvares. Depois, concederei a palavra ao último orador, o Senador Romeu Tuma.

O SR. ELCIO ALVARES – Sr. Presidente, Sr$^{\underline{as}}$ e Srs. Senadores, a vida apresenta vários fatores singulares que precisam ser examinados, principalmente em um momento como este, com o toque da amizade.

Um dos sentimentos mais bonitos que podemos ter, quando nos formamos como pessoas integrantes de uma sociedade, é a amizade. A amizade tem um efeito extraordinário: recompõe, às vezes, as ilusões perdidas, devolve-nos a certeza do futuro e tem o condão extraordinário de nos fazer cada vez mais fortes diante dos embates da vida.

Abracei esta Comissão nos idos de 1991, quando aqui cheguei, com o maior dos entusiasmos. Nós, que somos advogados, no exercício da fé e da profissão que abraçamos, temos uma visão da vida que nos dá, de vez em quando, um imenso caleidoscópio: a um simples toque, podemos retratar talvez as imagens mais bonitas e mais encantadoras da vida.

Esta não é uma despedida, não é uma homenagem singular, repetitiva e formal, mas sim um congraçamento de amizades, sublinhado pelo respeito e pela admiração.

Esta luta que empreendemos ao longo de oito anos, que agora culmina de uma maneira que todos se sentem vitoriosos – é verdade isso que estou afirmando, porque cada um cumpriu o seu dever com exatidão, com grandeza e com amor ao País –, começa a se personificar nas palavras e nos gestos de duas pessoas que realmente merecem o nosso apreço, a nossa amizade e a nossa admiração.

Mas nós todos aqui, e o meu eminente amigo e presidente Bernardo Cabral, a quem também vou dedicar o apreço da minha admiração, vai me permitir recolher na imagem de cada um, Senador Bernardo Cabral, porque tenho uma condição especial dentro do coração, não como líder do Governo, seria a última coisa que eu iria argüir em qualquer tipo de pronunciamento meu, mas da pessoa sensível que sou. E neste momento não é despedida, não é de modo nenhum qualquer tipo de solenidade que quisesse dizer que na-

quele momento estava fracionado, estava interrompido um relacionamento. Gostaria de falar rapidamente, e essa assembléia aqui nos faz a todos mais identificados.

Quero encerrar falando de Bernardo Cabral – essa é a moldura que estou colocando com relevo de escol. O que Bernardo Cabral vai ouvir de mim é o mesmo compasso, o mesmo ritmo dos pronunciamentos anteriores, mas eu gostaria de colocar perante Bernardo Cabral algumas coisas que julgo do meu dever, não só na condição de modesto senador do Espírito Santo, mas sobretudo de líder do Governo que eventualmente fui, ao longo desses quatro anos, em que recolhi muitas alegrias íntimas, guardei algumas coisas que estão no recôndito do coração, e que, às vezes, é preferível não dizer, mas que temos a convicção exata de que colaboramos com a maior limpidez de comportamento em favor deste País.

Sérgio Machado foi meu companheiro de luta nesses quatro anos. Dividi a liderança com S. Exª Seria um egoísmo, de minha parte, se quisesse reclamar êxitos ou sucessos de uma eventual participação na liderança do Governo. Sérgio foi a peça fundamental, na qual alicercei, nos momentos de dúvida e de incerteza, na divisão de responsabilidades, o comandamento da liderança do Governo. Dizer que foi líder o Senador Elcio Alvares é um erro lamentável. Essa liderança foi dividida com muita grandeza, em nenhum momento tivemos qualquer sentido de confronto e de estrelismo; pelo contrário, fizemos sempre questão de nos colocar à margem, porque os nossos

companheiros deveriam estar na linha de frente, porque a posição do líder é essa. O líder não é aquele que ostensivamente procura notoriedade. O comportamento do líder tem de ser um comportamento em que ele se coloca na retaguarda, objetivando os resultados, sem a preocupação das lentejoulas douradas, da publicidade efêmera, que vem por meio dos projetos maiores. Esse é o líder, o líder que sabe que a missão está acima dos seus impulsos pessoais.

E a Sérgio Machado, neste momento, a minha palavra fraterna de amizade, de apreço e de admiração, e o meu muito obrigado pelo que você fez nos momentos mais difíceis das votações, de que todos nós fomos participantes.

Finalmente, Bernardo Cabral. Todo esse corpo que está aqui presente se personaliza no Senador Bernardo Cabral.

Bernardo, desde o primeiro momento, sentimos que é um homem de inteligência rutilante. Bernardo Cabral sabe colocar os assuntos melhor do que ninguém. Bernardo Cabral errou, é um grande advogado, é um homem que tem o apreço de todos os colegas, presidente da Ordem que foi. Mas Bernardo nasceu para ser diplomata. Bernardo seria o grande chanceler deste País, no relacionamento com as pessoas. Todo esse caminho está pela frente. O Pedro Simon tem uma frustração, e eu participei desta frustração de Pedro Simon, um dia, quando estávamos aqui conversando, Pedro, você se lembra muito bem, no Governo do Itamar, o Pedro disse: a única coisa que me atrapalha é que se eu for embaixa-

dor eu acabo perdendo o mandato, porque o Pedro no fundo gostaria de ser embaixador e seria um magnífico embaixador dentro dessa visão diplomática. Mas Bernardo Cabral é a história do País, em termos políticos. Bernardo Cabral viveu os malefícios da cassação, sentiu na pele a dor de perder um mandato. Bernardo Cabral viveu todos os sofrimentos que um político vive para ter, até certo ponto, o que eu diria, aquela absolvição de todos os fatos que pudesse cometer, que não fosse adequado ao momento vivido. Mas, em nenhum instante, eu faço questão de me referir também a Josaphat Marinho, houve relutância, por parte de Bernardo Cabral e de Josaphat Marinho, de marcar a posição de verticalidade, da inteligência e, acima de tudo, o amor ao País, na certeza de que, naquele momento em que estava sendo instalado um governo que não era democrático, era preciso haver vozes, como as dos dois senadores, que dissessem, proclamando os exemplos de outros aqui, que o País, acima de tudo, queria o caminho democrático.

Tenho também por Bernardo Cabral muito respeito. Quero proclamar esse respeito, não só como uma pessoa que o admira, mas também como o advogado que sou, que nunca deixei de ser e que pretendo ser através dos tempos. Basta dizer que nós, advogados, estimamo-nos e respeitamo-nos, porque, do outro lado, encontramos personalidades que marcam a vida do Direito pela grandeza.

Bernardo foi, excepcionalmente, um grande presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, que, para nós, advogados, é o nosso templo, o nosso

santuário. Bernardo foi – e ninguém desconhece a sua ação extraordinária – o relator da nossa Constituição com uma maestria fora do comum. Lidando com as maiores personalidades da vida política brasileira, ele marcou um posicionamento de equilíbrio que levou o Dr. Ulysses Guimarães a fazer um elogio público da ação notável de Bernardo Cabral como relator da nossa Constituinte de 1988.

Portanto, hoje, estão se fechando, como se fosse uma pálida cortina, os dois anos de atividade de Bernardo Cabral na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania. Não tenho dúvida de que Bernardo Cabral, pelo seu talento, pelo seu valor, pela sua importância no contexto da vida política brasileira, principalmente no nosso partido, o PFL, será convocado para alçar outros vôos, talvez muito mais altos, e para dizer, permanentemente, que as nossas palavras proferidas aqui no plenário não se perderam no tempo e no espaço, mas ficaram gravadas não só nos Anais desta Comissão, mas principalmente na homenagem maior que todos nós fazemos questão de prestar, principalmente quando se convoca uma plêiade de senadores como a da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania.

Bernardo Cabral nos representou muito bem ao longo desses dois anos. Bernardo Cabral, mais do que nunca, foi Bernardo Cabral!

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Concedo a palavra ao Senador Romeu Tuma, último orador inscrito.

O SR. ROMEU TUMA – Sr. Presidente, serei rápido. Eu não queria falar com receio da emoção, que se agravou com as palavras amigas do Senador Elcio Alvares. Neste estado, emocionamo-nos com muita facilidade.

É interessante o que se passa nesta manhã. Três pessoas que nunca cultuaram o ódio, a discórdia e o desamor estão, em tese, sendo homenageadas por esta Comissão: o Senador Josaphat Marinho; o Senador Elcio Alvares; e meu líder e chefe, Senador Bernardo Cabral. É interessante que quem, na sua atividade, faz a poesia do amor sempre colherá, sem dúvida

alguma, as bênçãos de Deus. Penso que esses três senadores têm esse privilégio, o que faz com que sejam nossos exemplos.

Senador Bernardo Cabral, com relação a V. Exª não tenho muito o que falar. O Senador Elcio Alvares disse que assumi a Receita. Lembro-me de que, como diretor da Polícia Federal, subordinado ao Ministro da Justiça, à época o Senador Bernardo Cabral estava à frente daquela Pasta, estava em um vôo para o Nordeste, onde daria posse a um delegado, quando recebi um comunicado de que deveria voltar imediatamente porque S. Exª, o Ministro, precisava, urgentemente, falar comigo. Voltei. S. Exª, então, disse-me que havia sugerido meu nome para a Receita Federal. Tremi. Não me acovardei porque já havia sido concursado como fiscal de rendas, portanto, tinha algum conhecimento a respeito. Havia, no meu currículo, algo que não me desmoralizava. Assumi o cargo e recebi diretamente o prestígio de Bernardo Cabral.

Bernardo Cabral sempre proferiu a poesia do amor. Sofreu, foi cassado, mas jamais teve uma reação de rancor, de ódio. Como disse o Senador Arlindo Porto, cultivou a semente do bem; jamais cultivou a semente do ódio e da vingança. É exemplo vivo disso. Para mim, que sou funcionário público – e me orgulho disso –, há aqueles que conseguem ascender a vários postos sem jamais pisar em algum companheiro para conseguir o cargo ou a glória de uma realização. E V. Exª é um exemplo disso, Senador Bernardo Cabral. Sigo, com toda a tranqüilidade, os Senadores Elcio Alvares e Josaphat

Marinho como também a V. Exª, apesar de saber que jamais poderei alcançá-los. Deus deu-me uma inteligência limitada para poder sobreviver às dificuldades da vida, mas nunca para poder chegar aos píncaros que V. Exªs chegaram.

Agradeço a V. Exªs a oportunidade de me manifestar e também a Deus por não ter permitido que a emoção me levasse às lágrimas. Mas sei que hoje à noite, na hora de orar, elas virão.

Muito obrigado.

Palavras do Presidente

Bernardo Cabral

Srs. Senadores. Direi melhor: amigos senadores. Espero ser o mais breve possível, muito embora não seja fácil elaborar uma síntese depois de tudo aquilo que ouvi. Todavia, o tempo assim o exige. É que hoje, neste encerramento de nossas atividades, pensava tão-somente em deixar registrado o que se passara nos anos de 97 e 98: naquele, 68 reuniões, e neste, 33, em função de dois meses dedicados ao período eleitoral. Com um complicador a mais: as sessões plenárias do Senado realizadas concomitantemente com as nossas, às quartas-feiras de manhã, no mesmo horário.

Era, pois, minha idéia, assinalar: em 1997, 20 (vinte) audiências públicas; em 1998, 8 (oito), e, pelo ritmo de trabalho desenvolvido, 302 matérias recebidas e distribuídas em 1997; no ano de 98, 316, alcançando

nesses dois anos um número recorde de apreciação e votação: 204 e 141, respectivamente.

Com alegria verifico que na pauta de hoje estamos apenas com 41 matérias, das quais algumas já votadas. Desprezo, dessa forma, o Relatório adrede preparado e solicito à nossa secretária, doutora Vera, que o faça chegar às mãos dos senhores senadores, a fim de que possa eu ultimar este agradecimento. E o faço comentando algumas coincidências pelas quais passei ao longo da vida.

A primeira, por estar visitando esta Comissão do Senado o Deputado Paulo Delgado – ao meu lado – e que foi colega deste presidente na Assembléia Nacional Constituinte. Jovem, então, e continua a sê-lo – ardoroso membro da Oposição –, sempre teve para comigo – à época relator-geral da Assembléia Nacional Constituinte e já maduro – uma solidariedade em decisões que não invadiram a sua consciência político-ideológica. Tal circunstância me lembra um outro jovem, eu próprio, quando, há mais de 30 anos – estava com 35 anos de idade – conheci Josaphat, ele como senador e eu como deputado federal, ambos integrando Comissões Mistas do Congresso Nacional.

Desde a minha querida Faculdade de Direito do Amazonas que o admirava, e a admiração se ampliou e consolidou uma amizade que tem sido suficientemente forte para vencer o tempo, a distância e o silêncio. Mais tarde, conselheiros federais da Ordem dos Advogados do Brasil, fizemos dessa instituição a trincheira de defesa dos direitos da pessoa humana.

Outra coincidência: Ramez Tebet. Conheci-o quando era do Conselho Seccional da Ordem dos Advogados do Mato Grosso. E mais outra: Pedro Simon, esse indisciplinado espontâneo, que acaba de falar na reeleição do presidente da Comissão de Constituição e Justiça, e que, quando governador do Rio Grande do Sul – na época da Constituinte e no Palácio do Governo –, na frente de Ulysses Guimarães, na minha e na de outros companheiros, fez um dos seus belos discursos.

Ante isso, não sei por qual trama do destino o Senador Romero Jucá armou esta despedida. Talvez por ser ele da minha região e entender que a forma mais singela e natural seria assim: nesta Comissão. Só que ela tomou tal vulto, uma tamanha grandeza, que jamais poderia eu imaginar. E digo isso com a maior sinceridade.

Por que o faço? Por uma razão muito simples. Quando, nos idos do Ato Institucional nº 5 – de famigerada lembrança –, o então "Repórter Esso", o mais famoso da TV, anunciou a cassação do meu mandato de deputado federal e a suspensão de meus direitos políticos por dez anos, era impossível prever outra coisa senão a perseguição que a todos nós vitimou. E àquela altura estava eu no Rio de Janeiro – o Congresso em recesso –, de onde eu não poderia me ausentar, eis que o Estatuto dos Cassados proibia que os atingidos se ausentassem do lugar onde se encontravam, por ocasião da inexplicável punição.

Após alguns dias, foi ao meu apartamento o Deputado Maurílio Ferreira Lima, de Pernambuco, a

fim de me convidar para irmos para a Argélia, pela fronteira, o que ele fez. Eu fiquei, uma vez que – conforme lhe disse – iria pagar o preço dentro de meu País, muito embora, mais tarde, verificasse que não passava de uma espécie de pária, de alguém que não podia ter nem título de eleitor nem carteira de identidade.

Passei a advogar – então sem direito a Alvará de Licença, dada a condição de cassado – em um modesto escritório de um advogado, pernambucano de nascimento, radicado no Rio de Janeiro e velho amigo meu, cujo nome faço questão de registrar: Haroldo de Mello, Mello com dois eles.

Cessada a proibição de ter Alvará de Licença, aluguei uma sala e passei a ter o meu escritório. Não queria voltar para a minha terra natal com o estigma da derrota e fui enfrentando maiores tormentas. Minha velha mãe mudou-se para o Rio de Janeiro, onde, anos mais tarde, veio a falecer, sem ter podido ver o filho eleger-se secretário-geral da Ordem dos Advogados do Brasil e, logo depois, seu presidente.

Após quase vinte anos de advocacia no Rio de Janeiro, veio a convocação da Assembléia Nacional Constituinte e com ela o convite do meu querido estado para ser deputado federal. E aí mais uma coincidência: minha eleição para relator-geral da Assembléia Nacional Constituinte, onde aqueles que comigo conviveram notaram que não sou uma pessoa arrogante, mas altivo. E não há como confundir altivez com arrogância, eis que esta é um defeito e aquela uma qualidade. Sou gentil,

mas não sou omisso, pois entendo que a omissão é o subproduto do nada e do não.

No depoimento do Senador Jefferson Péres, S. Exª referiu-se a mais uma coincidência: nascemos na mesma capital, no mesmo mês, temos o mesmo prenome, José, que S. Exª não usa e nem eu, mas que é uma característica do mês em que nascemos. Quando o Senador Jefferson Péres fez seu registro, evidente que me comoveu profundamente. Não estou mais em idade de sentir o coração ratear em determinados instantes, mas é o registro correto, de quem não foge por conveniência política, de quem não tem medo de reconhecer o valor do colega. Por isso, quando o Senador Francelino Pereira referiu-se ao meu caráter, lembrei-me do meu velho pai, que dizia que o caráter é o maior atributo que um homem público pode ter.

Ouvi o Senador Lúcio Alcântara relembrar nossa Assembléia Nacional Constituinte: mais uma coincidência. E vi alguém que entende do assunto falar em safra, da semente que se planta, para que seja colhida uma safra – o nosso Ministro Arlindo Porto, meu colega. E é mais uma coincidência, porque tenho um colega de faculdade, que concluiu o curso comigo, de quem sou padrinho de um filho, que se chama Arlindo Porto, a quem tive oportunidade de apresentar ao Senador Arlindo Porto e que tem um neto chamado Arlindo Porto. Tantas são as coincidências que trago nesta manhã, até chegar ao Senador José Eduardo Dutra. S. Exª só cometeu um equívoco ao dizer que, como engenheiro, falta-lhe formação jurídica.

Não! Direito é bom-senso. O advogado – e esta é uma bela definição – é o cirurgião plástico do fato; não há ninguém, como ele, que consiga fazer do fato uma cirurgia fáctica, esticando aqui e ali a superfície, para chegar ao que disse o Senador Djalma Bessa, relembrando os nossos trinta anos de convívio.

Ainda, ontem, pedi-lhe que, em meu nome, fizesse um aparte a um discurso de um colega nosso e S. Exª produziu um que eu não teria condições de fazê-lo.

Quero dizer ao meu amigo Sérgio Machado, líder do PSDB, que há outra coincidência a ser lembrada: por ocasião da Assembléia Nacional Constituinte e na disputa pelo cargo de relator da Comissão de Sistematização, eram três os candidatos: Fernando Henrique Cardoso, líder do PMDB no Senado, o Deputado Pimenta da Veiga, líder do PMDB na Câmara, e eu, da qual saí vitorioso. E um dos que contribuíram para essa vitória foi exatamente um deputado chamado Expedito Machado, ex-Ministro de Estado, e seu pai. Comprovo, pois, que esta continuação de pai para filho, em tão sadia amizade, dá-me muita alegria. Por isso, agradeço-lhe as palavras, e peço que transmita ao Expedito este meu registro.

Chego ao Senador Elcio Alvares, a quem conheci quando José Ignácio, até há bem pouco tempo nosso colega e atual governador do Espírito Santo, era presidente da Ordem dos Advogados do seu estado, e eu, presidente do Conselho Federal. Àquela altura lembrá-

vamos que os homens públicos não valem pelo poder que eventualmente conseguem empalmar ou pelos bens de fortuna que amealham, mas sim pelo que realizam em prol da coletividade. É claro que o Senador Elcio Alvares – hoje Ministro da Defesa – e eu tivemos algumas divergências, mas S. Exª sai do Senado como aquele pôr-de-sol que, apesar do ocaso, continua irradiando cintilação. O que S. Exª acaba de fazer em homenagem aos seus colegas – ofuscando a despedida deste presidente – permite que chegue ao meu amigo Romeu Tuma.

Coloco em relevo que se o Senador Romeu Tuma fosse meu irmão de sangue, talvez o nosso bem-querer não tivesse a amplitude que tem. Devo dizer aos que me ouvem que o conheci quando era ele delegado de Polícia Estadual de São Paulo – lá se vão tantos anos –, mais tarde, da Polícia Federal, e eu, secretário-geral da OAB. Quando convivi mais de perto, já eu na presidência do Conselho Federal da OAB, o Senador Romeu Tuma foi um excepcional amigo de todos os advogados brasileiros, circunstância que, um dia, a História lhe fará a merecida justiça.

De modo que, quando exercia ele o cargo de superintendente da Polícia Federal e foi convidado para ser o secretário da Receita Federal, é mais um episódio havido entre mim e ele que dá seqüência a esta grande amizade.

Finalmente, é imperioso que ressalte: nos tempos atuais, a opinião pública transformou o político

num termo pejorativo, a tal ponto que basta você pronunciar uma expressão de gentileza para ouvir: está sendo político.

Tudo isso posto, não quero que este agradecimento seja considerado como um simples ato político e naquele sentido negativo que acabo de salientar. Ao contrário. E, para isso, acode-me a lembrança de que as funções, os cargos, as formações acadêmicas são colocadas no seu *curriculum vitae*. Geralmente, essa é a forma natural. Mas os bens de valor são alinhados na sua declaração de bens por ocasião da sua obrigação para com o Imposto de Renda.

Se, portanto, houvesse uma Declaração de Rendimentos da Vida, eu nela incluiria o dia de hoje como do mais alto valor, razão pela qual o agradecimento é profundo e vem do mais íntimo da minha alma.

Por ser assim, é que me dou conta não terem sido coincidências os acontecimentos da minha vida, porque em algum quadrante da minha existência aprendi que não existem coincidências nem acasos. Eles não passam de pseudônimos que Deus utiliza quando não quer assinar suas próprias obras. Quando Ele não quer, coloca embaixo: coincidência, acaso. Hoje, Ele está colocando o seu nome aqui, para que eu, lembrando os dias terríveis pelos quais passei na minha cassação e que me ensinaram a ser humilde e a respeitar a opinião dos meus colegas, continue humilde, porque só com muita humildade seria capaz de receber uma homenagem como a desta manhã.

Muito obrigado. Muito obrigado. (Palmas prolongadas.)

O SR. ROMEU TUMA – Uma questão de ordem se fosse possível.

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Pois não, Senador Romeu Tuma.

O SR. ROMEU TUMA – Existe um projeto que aprovamos na Comissão de Relações Exteriores, que é de interesse do Exército, pois muda o currículo escolar, em razão da nova diretriz de base da Educação no início do ano. É algo muito simples, se pudesse ainda ser pensada com muita rapidez.

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Senador Romeu Tuma, se V. Exª e os eminentes colegas concordarem, colocarei, mas antes de pedir a concordância quero que fique registrado em ata o meu agradecimento, também, aos funcionários da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, na pessoa da Drª Vera Lacerda Nunes, que foi e é um braço direito desta Comissão. (Palmas.)

V. Exªs concordam com o pedido do eminente Senador Romeu Tuma?

O SR. JOSÉ EDUARDO DUTRA – Está na convocação extraordinária, não é verdade? Parece que essa matéria faz parte da convocação extraordinária.

O SR. ROMEU TUMA – É que ela foi aprovada na Comissão de Relações Exteriores, e eu apreciei o mérito. (Inaudível.)

O SR. JOSÉ EDUARDO DUTRA – Se não me engano, a matéria está na convocação extraordinária, então não significaria protelação.

Quero pedir vista.

O SR. PRESIDENTE (*Bernardo Cabral*) – Ao relatório de V. Exª, Senador Tuma, o eminente Senador José Eduardo Dutra pediu vista. A vista está concedida.

Está encerrada a reunião, com agradecimentos a todos.

(Levanta-se a reunião às 13h8min.)